

CONTEXTOS DE INTERAÇÃO E SUA INTER-RELAÇÃO COM O COMPORTAMENTO ECOLÓGICO

Sandra de Oliveira Pereira¹
Lilian Perdigão Caixêta Reis²

Resumo

Propõe-se uma reflexão crítica acerca da inter-relação humano-ambiental, pontuando o contexto de interação como um fator determinante para o comportamento ecológico. São apresentados os aspectos socioambientais que interferem no comportamento, além de mostrar que a interlocução entre os paradigmas que norteiam a Teoria da Bioecologia do Desenvolvimento humano e a Educação Ambiental é possível, e pode auxiliar o pesquisador durante sua investigação. Contudo, é importante que o pesquisador, e também os educadores ambientais, considerem todos os aspectos envolvidos nas ações pró-ambientais, procurando compreendê-los em inter-relação com o contexto de vida dos indivíduos e os significados que atribuem à natureza, para alcançar interpretações mais próximas de suas percepções, com vistas à proposição de intervenções sobre a questão ambiental.

Palavras-chave: Inter-Relação Humano-Ambiental. Contexto de Interação. Comportamento Ecológico. Desenvolvimento Humano. Educação Ambiental.

1 INTRODUÇÃO

O estilo de vida da sociedade atual, pautado por uma busca constante pela satisfação das necessidades e pelo consumismo, encontra-se entre os principais fatores responsáveis pelo agravamento da degradação ambiental. O movimento em prol de uma solução dos problemas ambientais implica em uma mudança de atitude e comportamento, sendo necessário compreendê-los a partir de uma perspectiva em que a natureza seja considerada em inter-relação com o comportamento humano (POLLI; KUHNEN, 2011). São os comportamentos das pessoas que causam um aumento na gravidade dos problemas ambientais, considerados questões humano-ambientais (CORRALIZA, 1997; PINHEIRO, 1997).

Compreender os fatores que influenciam e motivam os indivíduos a estabelecer um comportamento ecológico é essencial para intervenção nessa

¹ Mestranda em Economia Doméstica pela Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, Brasil. E-mail: sandrad.oliveira@ufv.br

² Doutora em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA. Professora do Departamento de Economia Doméstica na Universidade Federal de Viçosa, MG, Brasil. E-mail: lilian.perdigao@ufv.br

questão. É necessário observar os estímulos ambientais, os valores pessoais, o conhecimento e as experiências dos envolvidos. Situações em que as pessoas vivenciam com frequência, interferem em seu comportamento podendo afetar e modificar o ambiente. Por isto, torna-se fundamental compreender o contexto no qual o indivíduo encontra-se inserido, fazendo um paralelo com a realidade vivenciada e o seu comportamento frente a questões ambientais.

O contexto é uma construção social, constituído por motivações e memórias dos seus participantes, além de possuir uma dimensão temporal, onde afeta e é afetado pelo desenvolvimento. Não remete somente a um ambiente físico ou à situação imediata, inclui as características dos sistemas sociais, dos ambientes físicos e das pessoas, interagindo e influenciando-se mutuamente no tempo (LORDELO, 2002). Os cenários em que as pessoas convivem exercem influência no desenvolvimento ao criar oportunidades para a ocorrência de diferentes comportamentos (KOBARG; KUHNEN; VIEIRA, 2008).

Baseando-se nessa concepção, busca-se fazer uma reflexão crítica acerca da inter-relação humano-ambiental, pontuando o contexto de interação como um fator determinante para o comportamento ecológico. Para enriquecer essa discussão, usar-se-á como base trabalhos de estudiosos da psicologia do desenvolvimento, da psicologia ambiental, além de outros pesquisadores da temática, os quais auxiliarão na compreensão dos Aspectos Socioambientais e sua relação com o Comportamento Ecológico; a abordagem Bioecológica do Desenvolvimento Humano como aporte para a Educação Ambiental, mostrando que essa interdisciplinaridade é possível; bem como a discussão sobre os Estudos do Comportamento na Interação entre a Pessoa e o Ambiente.

2 ASPECTOS SOCIOAMBIENTAIS E O COMPORTAMENTO ECOLÓGICO

O termo comportamento ecológico, ou ainda pró-ecológico ou pró-ambiental, é definido como um conjunto de ações que visam contribuir para preservar o meio ambiente ou minimizar o impacto das atividades humanas. Estas podem ser conscientes e intencionais ou não, e ainda ser aprendidas e internalizadas, tornando-se parte da vida cotidiana (PATO; CAMPOS, 2011). É um indicador da relação que o ser humano estabelece com o meio ambiente, necessitando ser

avaliado de forma a possibilitar a intervenção nesta questão através de uma mudança de comportamento (CORRAL-VERDUGO; DOMÍNGUEZ-GUEDEA, 2011).

O debate sobre a questão ambiental deverá considerar o comportamento ecológico, visto que as ações humanas vêm contribuindo para a degradação ambiental. Conhecer as características que o comportamento ecológico de uma população assume e os aspectos que influenciam no contexto socioambiental é de suma importância para sua compreensão e para uma possível intervenção (PATO, 2005).

No entanto, Bomfim e Piccolo (2011) chamam atenção para um erro comum: o de responsabilizar igualmente a todos pelos problemas ambientais. Para os autores, isso se trata de uma educação ambiental limitada, que aponta como principal problema o comportamento dos indivíduos, reivindicando para si a responsabilidade de mudar esse quadro. Segundo os autores não se pode pensar a questão ambiental sem pensar em desigualdade social e, conseqüentemente, em classes sociais e conflito de interesses. Esses fatores influenciam nas decisões pró-ambientais da sociedade, além de impactar no comportamento dos indivíduos em função das experiências vivenciadas.

Polli e Kuhnen (2011) reforçam essa ideia ao considerarem que o contexto espacial e temporal, bem como determinadas características de vida das pessoas, como expressões simbólicas, aspirações e valores, constituem-se fatores de peso na avaliação do meio. Características pessoais, culturais, situacionais, e, especialmente, o contexto social, podem interferir no comportamento ecológico atuando como importantes explicadores para este (KOBARG; KUHNEN; VIEIRA, 2008).

Para estudar o comportamento ecológico de uma comunidade, é necessário considerar suas peculiaridades e o efeito delas sobre a conduta dos indivíduos, pois mesmo os seres humanos possuindo um organismo com fins idênticos e estando inseridos em cenários parecidos, a diferenciação cultural produz visões ambientais distintas, que podem afetar as respostas do indivíduo, se modificando à medida que o ambiente de investigação e as condições utilizadas para esta se alteram (CORRAL-VERDUGO; PINHEIRO, 1999).

Considerando as diferenças culturais, poderemos desenhar um quadro mais realista, compreensivo e de utilidade, que possa nos ajudar, não só a

predizer o comportamento ambiental responsável, mas também a planejar estratégias de intervenção para os crescentes problemas da degradação ambiental (CORRAL-VERDUGO; PINHEIRO, 1999, p. 18).

Pato (2005) compartilha desse mesmo pensamento. Para a autora, a compreensão desses aspectos, além de contribuir para esclarecer a relação que a população estabelece com o meio ambiente, torna-se possível identificar a consciência que esta possui sobre os problemas ambientais e favorece o desenvolvimento de estratégias de intervenção mais eficazes.

Determinados valores pessoais e crenças na interação humano-ambiental, funcionam como estruturas cognitivas que sensibilizam o indivíduo a perceber e manter preocupação sobre as consequências da degradação ambiental. Para López (2002), quando fundamentados nas normas sociais e nas necessidades psicológicas, são os principais motivos que levam os indivíduos a realizarem ações em favor do meio ambiente. E, no momento em que as consequências ambientais afetam aspectos que são importantes para o indivíduo, é provável que este fique mais atento a essas, contribuindo para uma mudança de comportamento (LOPÉZ, 2002; PINHEIRO et al., 2014).

No ambiente social, os agentes de socialização exercem um papel significativo nas escolhas dos indivíduos em função do compartilhamento de experiências e conhecimentos entre as gerações. As relações estabelecidas entre os familiares podem ser responsáveis por preferências como: os tipos de produtos a serem consumidos, a marca, e até mesmo, como estes produtos serão descartados. E, mesmo quando não estão na presença dos familiares, os conhecimentos passados são usados na tomada de decisão (FABRIS; STEINER-NETO; TOALDO, 2010).

Os valores, atitudes e comportamentos de pais e filhos na compra de produtos ambientalmente favoráveis, uso da água, energia elétrica, e a maneira como lidam com o lixo são dados que apontam como esses fatores, internalizados, são refletidos nas ações das famílias (FABRIS; STEINER-NETO; TOALDO, 2010).

Embora a família seja grande influenciadora do comportamento ecológico, o contato com outras pessoas – como por exemplo: amigos, grupos de referência ou de afinidade – ou ainda, o conhecimento adquirido nas instituições de ensino e/ou através da mídia, podem tornar-se fatores relevantes no processo de socialização do consumidor, determinando o seu comportamento.

Um estudo que avalia os efeitos no desenvolvimento psicossocial de jovens participantes de programa de educação ambiental, realizado por Silva, Higuchi e Farias (2015), mostrou que o programa repercutiu no ambiente familiar desses jovens uma vez que os mesmos foram capazes de modificar as ações de seus familiares sobre as questões socioambientais, revelando, segundo as autoras, uma cidadania socioambiental pelos mesmos. O programa promoveu também, maior estreitamento de laços afetivos e a socialização entre as famílias e os jovens, atuando os familiares, como agentes participativos na construção psicossocial de seus filhos. Além disso, as autoras apontam também para a relevância desses programas em contextos escolares e não escolares como espaço para o processo das transformações psicossociais que irão, inevitavelmente, desencadear comportamentos ambientais mais sustentáveis, cidadania ambiental e ações de responsabilidade ambiental através da disseminação e/ou intervenção em comportamentos de descuido ambiental.

3 TEORIA BIOECOLÓGICA DO DESENVOLVIMENTO HUMANO E A EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Para compreender a relação que o homem estabelece com o meio ambiente é essencial que esta seja investigada sob uma perspectiva inter e transdisciplinar. Calegare e Silva-Junior (2012) definem a interdisciplinaridade como o diálogo estabelecido entre as disciplinas por meio de um equilíbrio das ações; o que falta em uma disciplina a outra pode suprir. Já a transdisciplinaridade busca a unidade do conhecimento através do diálogo entre as diferentes dimensões da realidade, aliando teoria e prática para compreensão dos fenômenos. Os autores consideram que “a compreensão das questões socioambientais por uma única disciplina, não consegue apreender a complexidade dessa problemática”, estas requerem novos conhecimentos teóricos e práticos para sua compreensão e resolução (CALEGARE; SILVA-JUNIOR, 2012, p. 227 e 233).

Por isto, a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano pode ser considerada como um importante caminho para auxiliar na compreensão dos fatores envolvidos na relação com o meio ambiente, uma vez que o comportamento pode ser determinado pela maneira como o ambiente é percebido pelas pessoas, devido

às múltiplas influências desse nas características comportamentais. A teoria alerta para a necessidade de se considerar o contexto de interação para a compreensão do processo de desenvolvimento dos indivíduos, levando-se em conta o ambiente natural, social e cultural – ambiente ecológico (BRONFENBRENNER, 2002).

A interlocução entre os paradigmas que norteiam a Bioecologia do Desenvolvimento humano e a Educação Ambiental remetem ao pensamento sistêmico, que visa olhar e compreender os seres humanos em interação com os contextos sociais e culturais, a cooperação entre indivíduos, grupos e comunidades, e a construção de uma sociedade ecologicamente equilibrada (YUNES; JULIANO, 2010).

O modelo bioecológico, permite avaliar a contribuição do indivíduo para o seu próprio desenvolvimento, ou seja, através da construção do conhecimento. Bronfenbrenner procurou integrar os aspectos biológicos, psicológicos e comportamentais, unindo-os dinamicamente aos sistemas ecológicos, desenvolvidos anteriormente por ele, explicando assim, a denominação bioecológico. Esse modelo propõe a inter-relação de quatro aspectos: o Processo, a Pessoa, o Contexto e o Tempo (PPCT) (BRONFENBRENNER, 2011).

Com relação à Pessoa, Bronfenbrenner (2011) ressalta a importância de se considerar suas características, conforme já mencionado neste estudo, incluindo-se suas convicções, nível de atividade, temperamento, além de metas e motivações. Esses aspectos podem ser definidos e delimitados pelo Contexto no qual o desenvolvimento ocorre e também, como o Processo é realizado.

O Contexto é caracterizado por qualquer evento ou condição fora do organismo, que pode influenciar ou ser influenciado pela pessoa, sendo este, classificado em quatro subsistemas: Microssistema, Mesossistema, Exossistema e Macrossistema (COLLODEL-BENETTI et al., 2013). Esse ambiente ecológico é concebido por Bronfenbrenner como uma série de estruturas encaixadas, em constante interação uma com a outra, representando os diferentes ambientes em que o indivíduo transita, afetando-o direta ou indiretamente (BRONFENBRENNER, 2002). A forma como estão dispostos, auxiliam a descrever e analisar os contextos de vida (proximais e distais) do desenvolvimento humano (COLLODEL-BENETTI et al., 2013).

No nível mais interno está o ambiente imediato contendo a pessoa em desenvolvimento, o microsistema (compreende a casa, a instituição de ensino, as pessoas com quem ela interage face a face). A inter-relação entre dois ou mais microsistemas dos quais a pessoa participa ativamente é denominada mesossistema. Já o exossistema é formado pelos ambientes nos quais a pessoa em desenvolvimento não está diretamente inserida, mas estes ambientes influenciam em seu comportamento e desenvolvimento. As ações estabelecidas nestes sistemas encaixados, interconectados, são determinadas pela cultura ou subcultura, as quais são responsáveis pelas características ideológicas e pelos estilos de vida refletidos em objetos e práticas de socialização, denominadas macrossistema (BRONFENBRENNER, 2002/2011, p.8 e p.21).

Já o Processo é dependente e variável em função das características da Pessoa e do Contexto, ou seja, conforme afirma Bronfenbrenner (2011), sujeito aos seus *efeitos moderadores interativos*, que podem ser positivos ou negativos. Segundo Collo del-Benetti et al. (2013), esse é o principal mecanismo responsável para o desenvolvimento.

O processo abrange formas particulares de interação do organismo com o ambiente, chamadas processo proximal, operando ao longo do tempo. Estende-se para além do contexto imediato, sendo direcionado pelos domínios mais distantes do micro, do meso e até mesmo do exossistema, ou seja, o macrossistema. Neste, através das ideologias, valores e crenças ali presentes e da organização das instituições sociais, como por exemplo, as políticas públicas, contribuem para o seu direcionamento (BRONFENBRENNER, 2011).

O Tempo, cronossistema, foi incorporado aos elementos da teoria posteriormente. O cronossistema adiciona dimensões de tempo às estruturas existentes ao captar as mudanças do meio, refletindo nos atributos da pessoa, nos processos proximais e nos parâmetros do contexto (COLLODEL-BENETTI et al., 2013). É o período em que acontecerão as mudanças e transformações para que se tenha um desenvolvimento (BRONFENBRENNER, 2011).

O desenvolvimento humano é fruto das interações bidirecionais entre o indivíduo biopsicologicamente ativo e todo o sistema ecológico humano (DESSEN; COSTA JUNIOR, 2005). Desse modo, a compreensão da inter-relação dos sistemas e seus aspectos, são necessários para o entendimento da forma como o indivíduo se comporta no ambiente e as informações recebidas. Essas informações, quando adquiridas dos grupos envolvidos no microsistema, influenciarão nas ações da pessoa e esta as repassará, especialmente para o grupo familiar. Com isso, o comportamento que se possui em função de uma consciência ambiental, irá

refletir nas ações dos familiares e, conseqüentemente, será disseminando por toda a sociedade.

Nessa relação de bidirecionalidade, Bronfenbrenner enfatiza a maneira como a pessoa percebe os diferentes estímulos e como estes podem ser alterados em função da exposição e interação com ambiente. Quando a pessoa em desenvolvimento é estimulada em suas ações, ela adquire uma concepção mais ampliada, mais diferenciada pela qual percebe o ambiente. Se torna motivada e mais capaz de se envolver em atividades que revelem as suas propriedades. O indivíduo é capaz de moldar, mudar e recriar o meio no qual se encontra (BRONFENBRENNER, 2002).

Portanto, como o comportamento pode ser moldado ou alterado em função do ambiente de interação, para haver uma conscientização ambiental aliada a um comportamento que vise a preservação e manutenção do meio ambiente, é necessário haver constantes estímulos por meio da educação ambiental, iniciando-se na infância e permanecendo durante todo o curso de vida. A pessoa em desenvolvimento precisa ser motivada e estimulada a estabelecer um comportamento mais responsável para com o meio ambiente. Se o processo de conscientização e sensibilização ambiental não for constante, seu comportamento vai se modificando, adaptando-se ao novo ambiente.

A deficiência de uma educação ambiental que se preocupe com a conscientização da população, pode ser um dos explicadores para o não estabelecimento de um comportamento ecológico pelos indivíduos. Se houvesse uma educação ambiental efetiva e constante é possível que tais comportamentos se mostrassem diferentes. Os problemas ambientais devem ser analisados sob uma ótica social, estando o processo educativo, pautado numa postura crítica da inter-relação com o meio ambiente e no diálogo entre os vários contextos sociais.

O desenvolvimento sustentável passa pelas dimensões biopsicossociais do ser humano, e ao processo educacional, cabe a função de desenvolver no cidadão uma consciência crítica e reflexiva sobre o ambiente, considerado um bem comum, direito natural e essencial à vida (BRASIL, MEC, 1993 citado por ZANDONÁ, 1997, P. 15).

A Educação Ambiental e a bioecologia do desenvolvimento humano buscam construir um novo paradigma de relações dos seres humanos com a natureza. As

duas perspectivas apontam a educação como ferramenta e espaço de reflexão e produção de conhecimento, podendo colaborar com a construção de uma noção de cidadania que abarque valores humanitários por meio de uma consciência associada ao senso de pertencimento (YUNES; JULIANO, 2010).

Atividades de educação ambiental buscam a transformação no contexto cultural e social de crianças e jovens, ou seja, mudanças em seu processo psicossocial, desenvolvendo pessoas que cuidem de seu ambiente, pensando na coletividade. “É no processo de aprendizagem que questões de cidadania e responsabilidade social são fortalecidas” (SILVA; HIGUCHI; FARIAS, 2015, p. 1032).

O meio ambiente – tanto o natural quanto o social – e o desenvolvimento humano, são condições fundamentais para a manutenção da qualidade de vida. A preocupação ecológica deve permitir a compreensão do meio e a interdependência entre os diversos elementos que conformam o ambiente (ZANDONÁ, 1997).

A apropriação do conhecimento ambiental é o início para mudanças de comportamento, no entanto os programas de educação ambiental não devem ser vistos apenas como produtor de conhecimento e gerador de mudanças comportamentais, mas como possibilidade de vivências de solidariedade, compromisso, cooperação e cidadania, oferecendo, principalmente aos jovens, a possibilidade de construir a sua história (SILVA; HIGUCHI; FARIAS, 2015).

“O envolvimento de jovens em programas de educação ambiental dá voz para esses desenvolverem mudanças psicossociais e construir sua trajetória de vida pautada no compromisso social, ou seja, no exercício da cidadania” (SILVA; HIGUCHI; FARIAS, 2015, p. 1044), possibilitando que este conhecimento se estenda para outros ambientes como a escola, a família, a comunidade, tendo a oportunidade de participar de uma transformação social.

4 ESTUDOS DO COMPORTAMENTO NA INTERAÇÃO ENTRE A PESSOA E O AMBIENTE

O ambiente de maior relevância para o entendimento do comportamento e do desenvolvimento, conforme Kurt Lewin citado por Bronfenbrenner (2002), não é a realidade conforme ela existe, mas conforme o ambiente é percebido pelas

pessoas que “interagem dentro dele e com ele” (BRONFENBRENNER, 2002, p. 19).

O comportamento evolui em função da interação entre a pessoa e o ambiente, devendo-se pois, este último, ser levado em consideração nos estudos do comportamento. Bronfenbrenner afirma que na prática encontra-se uma assimetria entre teoria e pesquisa, uma vez que a pesquisa, na maioria das vezes, lança foco nas propriedades da pessoa (suas qualidades), com limitação da concepção e caracterização do ambiente em que a pessoa se encontra. As pesquisas voltadas para as características pessoais encontram uma variada gama de dados, enquanto que, do lado do ambiente as perspectivas são escassas, e, mesmo quando o ambiente é descrito isto ocorre de forma estática, sem concessão aos processos desenvolvendo de interação, através dos quais, o comportamento é instigado, sustentado e desenvolvido. “Os conceitos existentes limitam-se a algumas categorias pouco desenvolvidas e indiferenciadas, que pouco fazem além de localizar as pessoas em termos de seu endereço social” (BRONFENBRENNER, 2002, p. 14).

As teorias que analisam o impacto do contexto sobre o comportamento e o desenvolvimento apresentam duas falhas, segundo Bronfenbrenner (2002): elas tendem a ignorar o impacto dos aspectos não-sociais do ambiente; e delimitam o conceito de ambiente a um único ambiente imediato contendo o sujeito (microsistema).

As características da pessoa e de seu ambiente de interação devem ser consideradas como interdependentes e analisadas em termos de sistemas (microsistemas, mesossistemas, exossistemas e macrosistemas) que se articulam e exercem influências um sobre o outro (BRONFENBRENNER, 2002). Esses sistemas ao exercerem influência sobre a vida das pessoas, podem apresentar-se de maneiras distintas para cada indivíduo em função da relação estabelecida com cada um desses sistemas e também, conforme já mencionado, em relação às suas características pessoais.

Portanto, o pesquisador deve reconhecer as diferentes influências do ambiente para não interpretar resultados errados na pesquisa. Ele deve compreender o significado psicológico ou a percepção que os participantes do estudo têm daquela situação ou contexto. Uma das estratégias é deixar que

atividades apareçam espontaneamente ou utilizar-se de entrevista com os participantes do estudo, após a observação dos fatos (BRONFENBRENNER, 2002; MARTINS; SZYMANSKI, 2004).

Questões como estas devem ser pensadas ao analisar o comportamento ecológico, pois este não pode simplesmente ser mensurado sem que se analise mais a fundo os diferentes fatores que estão envolvidos na tomada de decisão de um indivíduo. Muitas vezes as respostas obtidas em questionamentos como este apresentam-se distorcidas ou incompatíveis com o real comportamento da pessoa. O contexto pode promover este tipo de discurso.

À medida que esse vai se alterando, o comportamento também tende a ser alterado. É preciso verificar as diferentes situações que possam motivar as ações pró-ambientais – situação financeira, grau de escolaridade, situação de risco, entre outros. E, para que haja uma mudança de comportamento, é necessário haver influências positivas para a ação; mas a iniciativa tem que partir da pessoa, do que ela vê como comportamento adequado.

Uma investigação compreensiva do comportamento que visa a preservação do meio ambiente, deveria incluir os aspectos disposicionais, demográficos e também os fatores situacionais, a fim de incrementar seu poder explicativo (CORRAL-VERDUGO; PINHEIRO, 1999). Conforme os autores, na investigação é interessante que se faça a observação direta ou analise os traços de comportamento. O ambiente de investigação é fundamental para estes resultados, devendo o comportamento ecológico ser estudado na presença dos objetos ambientais com os quais os indivíduos entram em contato quando se comportam de maneira responsável (ou irresponsável) com o ambiente.

5 CONSIDERAÇÃO FINAIS

Um dos desafios para o estudo das questões socioambientais, pautados numa abordagem inter e/ou transdisciplinar, refere-se à postura do pesquisador. Este deve superar os obstáculos oriundos de uma aprendizagem disciplinar, cujos princípios encontram-se arraigados em uma única dimensão (CALEGARE; SILVA-JUNIOR, 2012). Faz-se necessário que o pesquisador utilize de uma metodologia de pesquisa adequada à investigação da relação humano-ambiental, considerando as

características e influências de um sobre o outro. Deve-se compreender que esse conhecimento possibilita um melhor direcionamento em prol de condutas ambientais com vistas ao que pode ser feito para amenizar e até mesmo, tentar reverter o quadro de degradação ambiental.

A reflexão sobre a importância de se observar o contexto que envolve o comportamento ecológico pode proporcionar um melhor direcionamento aos pesquisadores da temática, visto que este assunto deve ser estudado em uma perspectiva que colabore com a construção do conhecimento sobre a questão, já que esta é permeada por subjetividades. Assim, haverá maior possibilidade de entendimento do significado da natureza na vida do indivíduo, proporcionando alcançar interpretações mais próximas de suas percepções, além de servir como importante ferramenta para a compreensão do comportamento e do desenvolvimento humano.

INTERACTION CONTEXTS AND THEIR INTERRELATION WITH ECOLOGICAL BEHAVIOR

Abstract

A critical discussion on the human-environment interrelation is proposed by punctuating the context of interaction as a determinant aspect on the ecological behavior. The social and environmental determinants on that behavior are presented, as well as we show that the dialogue between the Bioecology Theory of Human Development and Environment Education's paradigms is possible and can be helpful to the researcher. However, it is important for the researcher, as for the environment educators, to consider all determinants involved on the pro-environmental actions in order to seek an understanding to the interrelation between those determinants and the life context of the individuals and the meanings they attribute to nature. Those regards allow more veridical interpretations to be used for proposing interventions on the environment issue.

Keywords: Human-Environment Interrelation. Interaction Context. Ecological Behavior. Human Development. Environment Education.

CONTEXTOS DE INTERACCIÓN Y SU INTERRELACIÓN CON EL COMPORTAMIENTO ECOLÓGICO

Resumen

Se propone una reflexión crítica sobre la interrelación humano-ambiental, puntuando el contexto de interacción como un factor determinante para el comportamiento ecológico. Se presentan los aspectos socioambientales que interfieren en el comportamiento, además de mostrar que es posible el diálogo entre los paradigmas que orientan la Teoría de la Bioecología del Desarrollo Humano y la Educación Ambiental. Esa articulación puede ayudar al científico durante su investigación. Sin embargo, es importante que el investigador, y también los educadores ambientales, consideren todos los aspectos involucrados en las acciones proambientales, buscando comprenderlos en interrelación con el contexto de la vida de los individuos y los significados que atribuyen a la naturaleza, para lograr interpretaciones más cercanas a sus percepciones, con vistas a la proposición de intervenciones en el tema ambiental.

Palabras clave: Interrelación Humano-Ambiental. Contexto de Interacción. Comportamiento Ecológico. Desarrollo Humano. Educación Ambiental.

REFERÊNCIAS

COLLODEL-BENETTI, I. et al. Fundamentos da teoria bioecológica de Urie Bronfenbrenner. **Pensando Psicologia**, v. 9, p. 89-99, 2013.

BOMFIM, A. M.; PICCOLO, F. D. Educação Ambiental Crítica: A Questão Ambiental entre os Conceitos de Cultura e Trabalho. **Revista eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, ISSN 1517-1256, v. 27, jul./dez. 2011.

BRONFENBRENNER, U. **A Ecologia do Desenvolvimento Humano**: experimentos naturais e planejados. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

BRONFENBRENNER, U. **Bioecologia do desenvolvimento humano**: tornando os seres humanos mais humanos. Tradução André de Carvalho-Barreto. Porto Alegre: Artmed, 2011.

CALEGARE, M. G. A.; SILVA-JUNIOR, N. Inter e/ou transdisciplinaridade como condição ao estudo de questões socioambientais. **R. Inter. Interdisc. INTERthesis**, Florianópolis, v.9, n.2, p.216-245, jul./dez. 2012.

CORRALIZA, J. A. La Psicología Ambiental y los problemas medioambientales. Papeles del psicólogo. **Revista del Colegio Oficial de Psicólogos**, España, n.67, p.26-30, 1997. Disponível em: <<http://www.papelesdelpsicologo.es/vernumero.asp?id=748>>. Acesso em 10 mai. 2016.

CORRAL-VERDUGO, V.; PINHEIRO, J.Q. Condições para o estudo do comportamento pró-ambiental. **Estudos de Psicologia**, v.4, n.1, p. 7-22, 1999.

CORRAL-VERDUGO, V.; DOMINGUEZ-GUEDEA, R.L. El rol de los eventos antecedentes y consecuentes en la conducta sustentable. **Rev. mex. anál. conducta**, México, v.37, n.2, p.9-29, jan. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0185-45342011000200002&lng=es&nrm=iso>. Acesso em 10 mai. 2016.

DESSEN, M. A.; COSTA Jr., A. L. (Orgs.). **A ciência do desenvolvimento humano**: Tendências atuais e perspectivas futuras. Porto Alegre: Artmed, 2005. 278p.

FABRIS, C.; STEINER NETO, P.J.; TOALDO, A. M. M. Evidências empíricas da influência da família, mídia, escola e pares nos antecedentes e no comportamento

R. Inter. Interdisc. INTERthesis, Florianópolis, v.14, n.1, p.117-132 Jan.-Abr. 2017

de separação de materiais para a reciclagem. **Revista de administração contemporânea**, Curitiba, v.14, n.6, dez. 2010.

KOBARG, A. P. R.; KUHNEN, A.; VIEIRA, M. L. Importância de caracterizar contextos de pesquisa: diálogos com a Psicologia Ambiental. **Revista brasileira de crescimento e desenvolvimento humano**, São Paulo, v. 18, n. 1, abr. 2008.

LÓPEZ, A. G. **La Preocupación por La calidad del medio ambiente: Un modelo cognitivo sobre la conducta ecológica**, 2002. 234f. Tese (Doutorado em Psicologia) - Universidade Complutense de Madrid, Espanha, 2002. Disponível em: < <http://biblioteca.ucm.es/tesis/psi/ucm-t26479.pdf> > Acesso em 10 mai. 2016.

LORDELO, E. R. Contexto e Desenvolvimento Humano: quadro conceitual. In: LORDELO, E. R.; CARVALHO, A. M. A; KOLLER, S. H. (Org). **Infância brasileira e contextos de desenvolvimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo; Salvador: Editora Universidade Federal da Bahia, 2002.

MARTINS, E.; SZYMANSKI, H. A Abordagem Ecológica de Urie Bronfenbrenner em Estudos com Famílias. **Revista Estudos e Pesquisas em psicologia**, v.4, n. 1, 2004.

PATO, C. Comportamento ecológico: chave para compreensão e resolução da degradação ambiental? **Democracia Viva**, 27, p. 102-107, jun./jul. 2005.

PATO, C.M.L.; CAMPOS, C.B. Comportamento ecológico. In: SYLVIA, C.; ELALI, G. A. (Org.). **Temas básicos em psicologia ambiental**. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 122-143.

PINHEIRO, J.Q. Psicologia Ambiental: a busca de um ambiente melhor. **Estudos de Psicologia**: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 1997.

PINHEIRO, L.V.S. et al. Comportamento, Crenças e Valores Ambientais: uma Análise dos Fatores que Podem Influenciar Atitudes Pró-Ambientais de Futuros Administradores. **RGSA: Revista de Gestão Social e Ambiental**, v. 8, p. 89-104, 2014.

POLLI, G.M.; KUHNEN, A. Possibilidades de uso da teoria das representações sociais para os estudos pessoa-ambiente. **Estudos de Psicologia**, Natal, v.16, n.1, jan./abr. 2011.

SILVA, W.G.; HIGUCHI, M.I.G.; FARIAS, M.S.M. Educação ambiental na formação psicossocial dos jovens. **Ciênc. Educ.**, Bauru, v. 21, n. 4, p. 1031-1047, 2015.

YUNES, M.A.M.; JULIANO, M.C. A Bioecologia do Desenvolvimento Humano e suas Interfaces com Educação Ambiental. **Cadernos de Educação (FaE/PPGE/UFPel)**, Pelotas, n. 37, p. 347 - 379, set./dez. 2010.

ZANDONÁ, N.L.F. Psicologia e Meio Ambiente: estudo preliminar sobre as relações psicossocio-ecológicas do desenvolvimento. **Interação**, Curitiba, v. 1, p. 9-28, jan./dez. 1997.

Artigo:

Recebido em 20 de Junho de 2016.

Aceito em 18 de Novembro de 2016.